

ANPOCS – XXIII ENCONTRO ANUAL, CAXAMBU/ MG, 1999.

**COMUNICAÇÃO PARA O GT:  
RELIGIÃO E SOCIEDADE**

**TÍTULO:**

***“UMA RELEITURA CONTEMPORÂNEA DAS RAÍZES  
ORIENTAIS JUDAICAS E GREGO-ORTODOXAS NA  
ORDEM DO CARMO: A REAPROPRIAÇÃO DE MITOS  
FUNDANTES”***

**AUTOR:**

**Prof. Dr. BARTOLOMEU TITO FIGUEIRÔA DE MEDEIROS //  
UFPE**

**RECIFE, 30 de agosto de 1999**

ANPOCS – XXIII ENCONTRO ANUAL, CAXAMBU/ MG1999.

**COMUNICAÇÃO PARA O GT: RELIGIÃO E SOCIEDADE**

**TÍTULO: “UMA RELEITURA CONTEMPORÂNEA DAS RAÍZES  
ORIENTAIS JUDAICAS E GREGO-ORTODOXAS NA  
ORDEM DO CARMO”: A REAPROPRIAÇÃO DE MITOS FUNDANTES**

**AUTOR:**  
**Prof. Dr. BARTOLOMEU TITO FIGUEIRÔA DE MEDEIROS – UFPE**

---

## INTRODUÇÃO

A Ordem do Carmo é uma das famílias religiosas católicas que nasceram no século XII. É uma organização múltipla e complexa, constituída de ramos diversos masculinos e femininos, compostos de monges, monjas, frades sacerdotes e não-sacerdotes, freiras e leigos, todos distribuídos em diversos grupos. A totalidade deste conjunto é denominado de *Família Carmelitana*.

A Ordem tem suas origens no Monte Carmelo (daí o nome *Carmelitas*), situado a Noroeste do Estado de Israel. Formou-se a partir de um grupo de ex-cruzados e peregrinos da “*Terra-Santa*”, durante o período de paz que se seguiu à vitória dos exércitos cristãos da terceira cruzada, sobre os muçulmanos. Com a abertura do país para as peregrinações e visitas aos “*Lugares Santos*”, cresce o número de eremitas europeus que buscam lugares mais ou menos desabitados, levados pelo desejo de “*seguir os passos de Jesus, na mesma terra que ele pisou*”.

O grupo fundador da Ordem é composto de eremitas latinos, portanto. Este se reúne no Monte Carmelo entre os anos 1192 e 1194, estabelecendo-se no local do monte chamado *fonte de Elias*: tratava-se de duas torrentes perenes de águas doces, junto às quais, conforme a tradição recorrente, o profeta bíblico Elias permanecia, nas ocasiões em que se retirava para o Carmelo.

Nem a história oral nem a escrita registraram os nomes dos componentes deste grupo fundador. Os *eremitas* - era o nome técnico dado pela Igreja medieval aos monges leigos – ocuparam ali algumas instalações abandonadas, habitadas antes por monges gregos ortodoxos, os quais haviam se retirado do local antes das conquistas muçulmanas na *Terra Santa*.

É sabido que, ao tempo da chegada destes eremitas latinos, a memória do Profeta Elias estava ainda bem viva no Carmelo. Era um "santo" macroecumênico: sua festa, muito popular por sinal, era celebrada por judeus, muçulmanos e cristãos.

A tradição e a memória oral dos *carmelitas* - eram assim chamados estes monges pela população local - criou diversas lendas, enriquecendo os mitos fundantes ligados ao *Patriarcado Eliano*. No entanto, quase nada destas raízes orientais judaicas e grego-ortodoxas permaneceu no imaginário do cotidiano da Família Carmelitana, a não ser alguns elementos do rito próprio da Basílica do Santo Sepulcro, de Jerusalém, no ritual da missa celebrada pelos padres carmelitas, o que foi abolido pela reforma litúrgica realizada sob inspiração do Concílio Vaticano II, além das constantes pinturas em nossas igrejas da Idade Média e do período do barroco - inclusive no Brasil - que representam cenas bíblicas da vida e atividades de Elias.

Todavia, dois fatos contemporâneos vêm proporcionando, na Ordem, um retorno à valorização e um lento processo de reinterpretação das raízes orientais. O primeiro, foi a canonização - declaração solene de santidade, feita pelo Papa - em 1998, de uma monja carmelita judia e filósofa alemã, ***Edith Stein***, que encarou sua conversão ao catolicismo como um encontro com o que para ela representou um *judaísmo mais amplo, completo*, e sua prisão e morte no campo de concentração de Auschwitz como uma participação plena no holocausto do seu povo.

O segundo, foi o processo de canonização em andamento de um carmelita holandês, jornalista, professor universitário, preso pela gestapo e morto no campo de concentração de Dachau por haver liderado a resistência dos jornalistas católicos da Holanda em prol da liberdade de imprensa, além de ter denunciado a repressão aos judeus, seja na cátedra universitária, seja em conferências pelo país: o ***Beato Tito Brandsma***.

Em primeiro lugar, vou me estender mais na análise do processo de conversão de Edith Stein e do compromisso de Tito Brandsma com a causa dos judeus, na Holanda. Em seguida, buscarei interpretar o desenvolvimento atual da reinvenção dos mitos fundantes da Ordem ligados às origens no Oriente Médio, detectando, neste processo, a tendência a situar-se no contexto socio-religioso e cultural da valorização contemporânea dos orientalismos.

### **EDITH STEIN: UMA CONVERSÃO SEM RUPTURA**

É justamente esta característica do movimento de Edith em relação ao Cristianismo, vivenciado na Tradição Católica, que constitui a originalidade do processo de mudança acontecido nesta filósofa alemã, aluna predileta de Edmund Husserl, condiscípula e colega de trabalho de Heidegger, Max Scheler e outros intelectuais alemães.

Filha mais nova de uma família judaica de poucos recursos e onze filhos, quatro dos quais falecidos na infância, Edith teve em sua infância o exemplo de vida religiosa fervorosa dos pais, sobretudo da mãe. Com a morte do chefe da família, quando Edith tinha dois anos de idade, a viúva Augusta Stein teve que assumir sozinha o pequeno negócio familiar de venda de madeiras. Fervorosa e praticante, os dias maiores da Tradição Judaica eram observados, o *Sabbath* levado muito a sério.

Edith cresceu sentindo-se a filha preferida da Sra. Stein. Além do motivo de ser filha mais nova, a circunstância de ela ter nascido no dia do *Yom Kippur* ou "*Dia do Perdão*" ou da "*Grande Reconciliação*" era para sua mãe um certo sinal de predestinação. Daí o esmero, o cuidado com a educação religiosa da filha, além da insistência pelo desempenho escolar da menina, que já demonstrava sinais de uma inteligência aguda e senso de observação muito sagaz, para espanto dos irmãos mais velhos.

Entrando na adolescência, Edith confessa ter perdido a fé na religião de seus pais. Para desgosto da mãe, tal situação continua e se aprofunda com a entrada na universidade. De acordo com as convicções e o temperamento de Edith, deseja de coerência e de atitudes mais verdadeiras, uma fé vivida mais nas exterioridades dos rituais e no cultivo das tradições festivas e alimentares não a satisfazia. Nos tempos de estudante universitária, chegou a autodenominar-se *ateísta*.

No entanto, a busca permanente da verdade a seduzia, impelindo-a primeiro para a medicina, em seguida para a história, a filologia, mais tempo na psicologia experimental, e, por fim, para a filosofia fenomenológica de Husserl. O contato com professores e discípulos judeus convertidos para diversas Tradições Cristãs - o próprio Husserl tornara-se luterano - vai aguçando em Edith uma preocupação com a questão religiosa. Nas férias em casa, continua a freqüentar a sinagoga em companhia da Sra. Stein, mais para dar prazer a esta do que por necessidade espiritual.

No tempo da preparação da tese de mestrado, torna-se colaboradora do seu orientador, Husserl, e estreita seu relacionamento com os alunos mais chegados ao mestre. Assim, durante o ano acadêmico, Edith se reúne com os professores e alunos nos feriados e fins-de-semana, em excursões e *tertúlias* literárias, conversas sobre a atualidade alemã e européia. Nesses encontros não estavam ausentes as comunicações espontâneas das experiências religiosas dos colegas. O cultivo destas amizades vai empurrando Edith para se colocar de frente ao problema religioso. Até que um acontecimento imprevisto, durante a primeira guerra mundial, põe-na de cheio em contato com a vivência cristã da cruz.

Um dos seus colegas, Adolf Reinach, judeu convertido à Confissão Luterana juntamente com sua mulher, Anna, tinha sido requisitado para o exército alemão. Infelizmente morre no *front*. Edith hesita em visitar a jovem viúva, sentindo-se

incapaz de confortá-la. Aceita, porém, o convite de passar dias com ela, a fim de revisar os escritos do marido, para publicá-los. Para surpresa sua, encontra uma Anna sofrida, mas confortada com sua fé cristã na outra vida. Edith confessará mais tarde, em sua correspondência, que esta experiência foi o início do processo que a levaria ao Cristianismo:

*"... Esse foi o momento em que minha descrença implodiu e o Cristo passou a brilhar, no seu mistério da Cruz".*

A passagem definitiva se deu no verão de 1921, na casa de campo de outro casal amigo Theodor e Hedwig Conrad Martius. Uma noite, antes de recolher-se ao quarto, foi à biblioteca da casa, para ler um pouco. Escolheu, ao acaso, a autobiografia de Santa Teresa de Ávila, o seu *Livro da Vida*. A experiência religiosa apaixonada desta mulher genial da Espanha do século XVI pegou de surpresa e arrebatou Edith. Nas primeiras horas da madrugada terminou a leitura da obra, lida de um fôlego só, com a percepção de que *"havia encontrado a verdade"*. Ia completar 30 anos de idade.

Sem esperar, Edith adquire um missal e um catecismo católicos e, sozinha, aproveitando a ausência dos anfitriões em viagem, começa a conhecer a fé católica. Batiza-se no ano seguinte. Sem distanciar-se de suas raízes, chega a afirmar: *"Após o meu retorno para Deus, senti-me antes de tudo judia"*. Um dos seus biógrafos escreve, a este respeito:

*"Na sua conversão não há, portanto, ruptura entre judaísmo e cristianismo; e este não ocupa o lugar daquele nem o complementa. Sua originalidade é viver a tensão entre as duas tradições que aparentemente se excluem ... pois, a verdade como diálogo opõe-se à ruptura.."*

E, mais adiante:

*“A objetividade do diálogo não se resume em 'de uma vez para sempre' adotar uma posição, mas na vigilância e na crítica relativa ao próprio julgamento...”* numa atenção dirigida *“para o destino do outro e de sua história pessoal”* (Van Balen, 1998: 29-31).

Neste sentido, Edith não se afasta das práticas e culto judaicos, em suas férias anuais passadas com a mãe. Só que, para ela, a ida à sinagoga, os jejuns, o repouso do *Sabbath* possuem um sentido novo. Gil de Muro afirma que o amor, a relação de Edith para com Jesus não tem apenas o sentido de ver nele o Deus feito homem, como para os cristãos em geral. Edith se relaciona com Jesus, como **Judeu**, enquanto

*“irmão de raça, de destino histórico”* (Muro, Gil de, 1979: 33).

É importante salientar aqui, *en passant*, as tensões e desencontros advindos do processo de canonização de Edith Stein, ou Irmã Teresa Benedita da Cruz - o nome por ela assumido ao entrar no mosteiro carmelita de Colônia.

João Paulo II, no sermão da missa da canonização, afirmou que o testemunho de Edith *“fortalece constantemente a ponte de entendimento mútuo entre judeus e cristãos.”* Ora, os críticos da elevação da Santa aos altares, tanto judeus como não judeus, de acordo com o autor James Carroll (1999: 53), contestam que Edith foi assassinada porque era uma judia, e não por ser católica, em retaliação pelo protesto anti-nazista dos bispos holandeses.<sup>1</sup> Em suma, dizem eles que a canonização foi mais uma tentativa da Igreja no sentido de cristianizar o Holocausto e, desta forma, esvaziar as críticas feitas ao comportamento de uma parte da hierarquia católica em relação aos crimes dos nazistas.

O certo é que Edith, mesmo após sua conversão ao catolicismo, não ficou imune às perseguições anti-semitas: já em 1933, ela foi notificada que não poderia mais

lecionar na faculdade de professores católicos em Münster, pela sua ascendência "não-ariana". Na mesma época, foi rejeitada por Martin Heidegger, antigo discípulo e no momento, seu examinador, para a sua admissão a uma cátedra de filosofia em Freiburg. Meses depois, este pronunciava seu célebre discurso pró-nazista.<sup>2</sup> Edith enfrenta tudo isso no mesmo período em que escreveu uma carta respeitosa ao papa Pio XI, solicitando uma audiência privada. Tinha a intenção de relatar ao Papa a campanha anti-semita em curso. A resposta veio: Pio XI a receberia em audiência pública cerimonial, não privada.

O conjunto destas circunstâncias parece ter indicado a Edith que o tempo de entrada no mosteiro carmelita de clausura – aspiração alimentada por ela, desde sua conversão - era chegado, e que seu caminho, daí por diante, seria estar cada vez mais pregada à Cruz com Jesus, "com seu povo".<sup>3</sup>

### **TITO BRANDSMA, O IRMÃO ECUMÊNICO**

A prisão de Tito, em 1942, buscado pela gestapo no seu convento de Boxmeer, na Holanda, deveu-se à sua atividade de jornalista e professor universitário, encarregado na época pelo episcopado holandês de fazer executar a proibição deste imposta aos periódicos católicos, de não publicar propaganda nazista.

Após uma curta passagem por um "campo de reeducação", na Holanda mesmo, e após as autoridades terem desistido de pelo menos neutralizar a ação do religioso, considerada nefasta aos interesses do *Reich* em território holandês, Tito recebeu a condenação para o campo de extermínio em Dachau, na Baviera alemã, onde, após meses de trabalhos forçados e grandes sofrimentos físicos, devidos à sua

---

<sup>1</sup>Edith foi presa pela gestapo, juntamente com sua irmã Rosa, na Holanda, no mosteiro carmelita de Echt, para onde tinha fugido, antes da invasão do *Reich* àquele país.

<sup>2</sup> Carroll, (cf. bibliografia, p. 56).

<sup>3</sup> Esta foi uma parte da frase de sua sobrinha, Susanne Batzdorff: "o destino de minha tia foi morrer com seu povo, e não pelo seu povo" (Cf. Carroll, p. 56 ).



saúde muito abalada, baixou ao hospital do campo, onde lhe foi aplicada uma injeção de ácido fênico, em julho de 1944.

Após a vitória dos aliados em 1945, testemunhos de sobreviventes de Dachau reconstituíram com os fatos a enorme capacidade de compaixão ativa do pequeno frade junto aos doentes, moribundos e, no geral, companheiros de sofrimento. Destacaram sua caridade universal, sem excluir ninguém do conforto e assistência prestados aos prisioneiros, fôssem protestantes, fôssem judeus.

Se antes, como professor e jornalista, fazia freqüentes denúncias contra as campanhas e atividades anti-semitas e a ideologia nazista - a ponto de ele haver notado a presença de "alunos" desconhecidos a tomar extensas notas, em suas aulas - no campo de concentração Pe. Tito torna-se um "irmão universal", para cristãos, judeus e socialistas marxistas.

### **RELEITURA DE UM ORIENTALISMO**

Estes dois testemunhos vêm reforçando alguns autores e intelectuais carmelitas no sentido de revalorizar as raízes orientais e grego-ortodoxas da Ordem, em grande parte postas no baú do esquecimento.

Trata-se de um orientalismo do chamado *Oriente Médio*, ligado às grandes Tradições monoteístas que ali nasceram e floresceram: Judaísmo, Islamismo e Cristianismo. Das três Tradições religiosas, a Ordem guarda a memória da influência devocional do Profeta Elias no Monte Carmelo e na Palestina daquela época, em geral, com influências diversificadas, de acordo com o peso simbólico do Profeta em cada uma das religiões supramencionadas.

O peso maior cabia ao Judaísmo, sem dúvida, pelas tradições e expectativas messiânicas de cunho popular, conferidas ao Profeta, expectativas vigentes no

tempo de Jesus – refletidas em passagens dos quatro Evangelhos –, cultuadas na memória popular e nas tradições rabínicas ao longo dos séculos. Em doses menores, penso que o Cristianismo e o Islamismo se equiparariam com respeito ao peso simbólico da Tradição eliana, com uma inclinação maior para o lado do Cristianismo, haja vista as tradições cultuadas da vinda de Elias no fim dos tempos. Esta presença simbólico-espiritual de Elias no Carmelo marcou, sem dúvida, a experiência dos primeiros eremitas europeus, tanto que o texto da Regra de vida dada a eles pelo Patriarca de Jerusalém, Alberto Avogadro, faz referência explícita à *Fonte*. Algumas traduções antigas acrescentavam o aposto: *de Elias*.

A permanência desta tradição na Ordem, mesmo após a transferência da mesma para a Europa, no século XIII, e conseqüente adaptação estrutural e legal ao estilo de vida do Cristianismo europeu, é atestada por inúmeros testemunhos pictóricos, por esculturas, e pela adoção do Profeta como patrono de edifícios em nossa igrejas e conventos,. No Monte Carmelo mesmo, além da fonte que marcou o lugar da primeira moradia dos monges, construíram-se dois conventos, um no século XVIII e outro no seguinte. No primeiro, foi adaptada uma gruta na própria igreja, denominada de *gruta de Elias*. O segundo mosteiro foi construído no lugar onde, conforme a tradição, seguindo o relato bíblico, Elias derrotou os profetas do deus sírio-fenício, Baal. A partir da Idade Média, são constantes as referências explícitas à influência do Profeta nos escritos principais da Ordem. Tanto que, para defender o *patriarcado eliano*, autores carmelitas compuseram listas de superiores dos frades remontando até Elias, além de o representarem nas pinturas e esculturas vestido com o hábito da Ordem.

Os poucos elementos da tradição bizantina, acima citados, consistiam sobretudo no ritual próprio da missa, originário do rito da Basílica do Santo Sepulcro de Jerusalém, que apresentava pequenas diferenças em relação ao rito romano, quase universalmente utilizado no Ocidente.

Na Assembléia especial que as Ordens Religiosas organizaram, após o Vaticano II, para adaptação de suas normas constitucionais aos decretos do Concílio, nossa Ordem decidiu abolir o emprego do rito do Santo Sepulcro – contrariamente ao espírito pós-conciliar, que incentivava as diversificações. Isto, ao nosso ver, representa mais um argumento em favor da opinião recorrente nos meios eclesiásticos latinoamericanos, de que o Concílio significou mais uma reconciliação da Igreja com a civilização ocidental do Hemisfério Norte, do que com a totalidade das civilizações.

Ora, os dois fatos recentes, por nós aqui analisados, recolocaram para algumas cabeças pensantes e formadores de opinião dos dois grandes grupos masculinos carmelitas (O.Carm.e OCD), a perspectiva de recriar, no imaginário da Ordem, esta herança orientalista, devidamente reforçada pelos dois santos contemporâneos. A oportunidade estava dada, assim, para reinterpretar, na contemporaneidade, uma herança mais ou menos posta entre parênteses na vida ordinária da Ordem, a qual, agora revitalizada, colocaria o Carmelo dentro da dinâmica das aberturas atuais para os orientalismos, no Ocidente.

O que pensar disto? Um modismo? Uma concessão ao orientalismo que está em alta, na cotação do imaginário ocidental? Ou um reencontro com as raízes fundantes? Só o tempo mostrará para onde vai se inclinar o pêndulo deste movimento do pensamento, na Ordem.

Uma coisa é certa, porém: o discurso atual, presente na Vida Religiosa católica, que apela para a *refundação*, - entendida como uma releitura do carisma fundante da Vida Religiosa e dos Institutos, à luz da inspiração primeira do grupo fundador, do contexto sociocultural e religioso do tempo da fundação, reinterpretados dentro das linhas de força atuais da Teologia da Vida Religiosa e dos estudos sobre a realidade atual -, pode conduzir a elite pensante e formadora de opinião da Ordem a compreender e fazer compreender que este processo passa

pelo caminho da reatualização do orientalismo, presente nas origens dos primeiros carmelitas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAROLL, James. "*The Saint and The Holocaust*" in The New Yorker, June 7, 1999.

MURO, Gil de. Edith Stein: Ahora que son las doce. Burgos, Ed. Carmelitanas. 1979.

QUINTÃOS, Fr. Manuel Gomes (org.). Regra de Santo Alberto. Lisboa, Centro de Estudos da Ordem do Carmo em Portugal, 1992.

VAN BALEN, Cláudio. Edith Stein. Belo Horizonte, CEPA (Centro Carmelitano de Espiritualidade e Pastoral). 1998.